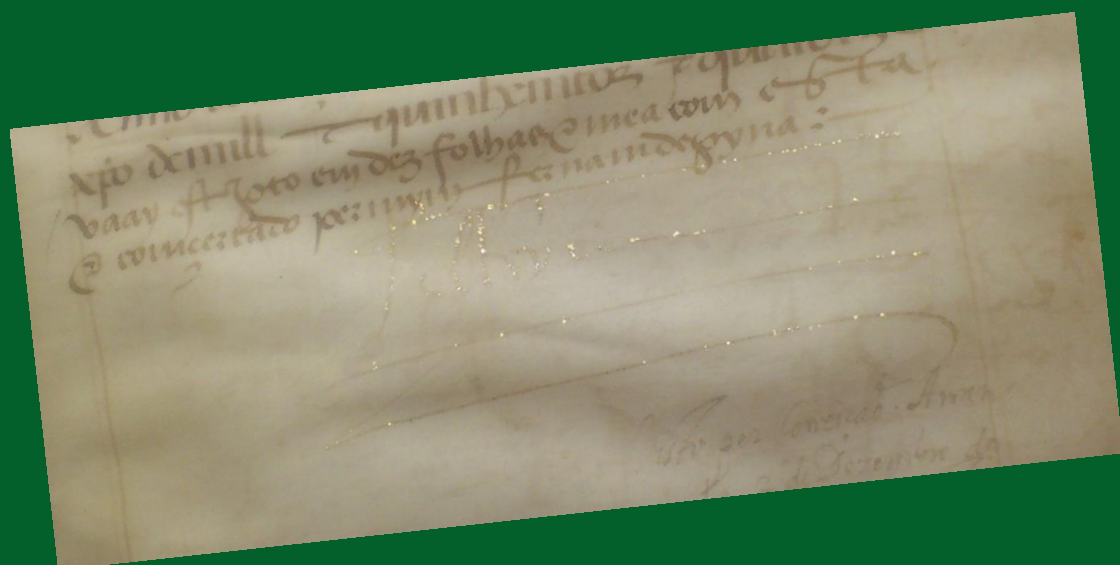




FRAGMENTA HISTORICA 2

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

(financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia)

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutorando em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

João Carlos Timóteo

Índices

João Costa

Imagem de capa

Assinatura régia autógrafa de D. Manuel I, Foral de Vouga, Lisboa, [Colecção Particular], 1514.03.18.



SUMÁRIO

Imagem da capa: A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei, p. 7

João Alves Dias

ESTUDOS

Algumas Achegas sobre o Material Tipográfico da Oficina de Germão Galharde e de sua Viúva (1519-1565), p. 11

Helga Jüsten

Património, Casa e Patrocínio: Uma Aproximação ao Senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534), p. 39

Hélder Carvalhal

MONUMENTA HISTORICA

Carlos Silva Moura, João Costa, José Jorge Gonçalves, Nunziatella Alessandrini, Pedro Pinto, Roger Lee de Jesus, Tiago Machado de Castro

Escambo de uma casa na Rua das Alcáçovas em Évora por uma vinha em Xarrama (1307), p. 69

Venda de um quarto de casas junto à Alcáçova de Évora (1312), p. 71

Treslado em pública-forma de um contrato de aforamento de um pardieiro na cidade de Évora feito por João César e Constança Vasques a Domingos Bueiro e Constança Eanes (1322|1376), p. 73

Pública-forma de carta régia de D. Afonso IV sobre o cumprimento de uma verba do testamento de D. Dinis (1336), p. 77

Testamento de Vasco Afonso, morador em Évora (1346), p. 81

LISBOA

2014

Emprazamento de pardieiro em Évora a Mestre João, físico de Córdoba (1374), p. 85

Instrumento de tomada de posse de Estêvão Vasques de Góis da Quintã de Pedra Alçada, Monsaraz (1375), p. 87

Instrumento público de partilha dos bens de João Tomé (1383), p. 91

Partilha de herança de Nicolau Joanes, de Évora (1385), p. 95

Aforamento de vinhas no Calhariz (Lisboa, 1390), p. 97

Venda de herdade em Redondo (1397), p. 99

Encampação de vinha no Calhariz de Lisboa a João Eanes, pedreiro e mestre das obras do concelho (1405), p. 101

Encampação de pardieiro no Redondo pertencente a Leonor Gonçalves da Silveira (1414), p. 105

Venda de uma herdade em Évora-Monte (1423), p. 107

Sentença de D. Afonso V num pleito entre o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Fernão Vasques da Cunha (1438), p. 109

Inventário de todos os bens móveis e de raiz pertencentes à igreja de Nossa Senhora, matriz da vila de Góis (1552), p. 117

Certidão da artilharia das fortalezas do Estado da Índia (1553), p. 129

Tombo de capelas instituídas na vila de Castelo Branco e seu termo (s.d.), p. 139

Testamento de Bartolomeu Ginori, homem de negócios em Lisboa e provedor da irmandade da igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa (1723), p. 151

Relação do Forte Real de S. Filipe na Ilha de Santiago, Cabo Verde (1750), p. 159

ÍNDICES

Índice cronológico dos documentos publicados neste número, p. 174

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 175

EDITORIAL

Por vezes os *milagres* acontecem! Por isso podem ser classificadas de *milagres* as surpresas extraordinárias e agradáveis que a vida vai proporcionando, depois de se perderem as esperanças. Como pode um texto impresso revelar-se como inédito se já era édito desde que fora publicado? Existem muitos preconceitos na História. Alguns historiadores defendem que só os documentos manuscritos e que ainda se conservam inéditos podem revelar factos inteiramente desconhecidos ao Homem hodierno. Entendem que o manuscrito revela uma comunicação pessoal (que nem sempre é escrita para um destinatário – caso de um diário) e por isso até uma simples carta enviada a outro, embora passe a ser propriedade do destinatário, não pode ser divulgada sem autorização do signatário, nem o seu autor (a quem pertence a *propriedade intelectual*) a pode divulgar sem a autorização do destinatário.

Todo o interessado conhece a *estória de muy noble Vespasiano emperador de Roma* (um dos raros livros impressos em Lisboa no ano de 1496) e as vicissitudes por que a edição passou por, aparentemente, só ter sobrevivido um exemplar e mesmo esse se encontrar incompleto, dado lhe faltarem os primeiros três fólhos. O texto e a história são conhecidos a partir de outras fontes. O que se tinha como desconhecido, e por isso inédito, eram as gravuras que acompanhavam os dois primeiros capítulos e possivelmente a portada. Na época todos os interessados as viram mas depressa passaram para o mundo do desconhecimento.

Uma investigadora do Centro de Estudos Históricos olhou *com um outro olhar* – para um outro livro, também não inédito *Cronica llamada el triumpho de los nueve preciados da la fama* (Lisboa, Germão Galharde, 1530) – e viu o que os outros até então não tinham identificado: uma das gravuras perdidas (e que se julgavam desconhecidas para sempre) daquelas duas ou três que faltavam na obra impressa mais de três décadas antes. Parafraseando Lavoisier: *nada se perde tudo se transforma!*

O outro milagre é a continuação da *Fragmenta Historica*. O Conselho Editorial recebeu vários artigos mas nem de todos foi possível fazer a edição. Recorde-se que *Fragmenta Historica* não é apenas mais uma revista de divulgação de trabalhos de História. Como diz o Editorial do primeiro número: *a sua base para os seus estudos é (e procuraremos que seja sempre a constante do futuro) o documento: puro, duro, sólido e concreto*. Os textos em língua estrangeira encontram-se limitados a investigadores para quem a língua portuguesa não seja a sua língua materna e oficial e, mesmo esses, têm forçosamente de ter como base o documento. Depois disso, todos os artigos são sujeitos a arbitragem científica externa – e isto é uma injustiça para com os três jovens que constituem o Conselho Editorial pois, eticamente, encontram-se impedidos de escrever artigos para uma revista onde seriam eles próprios a escolher a equipa da arbitragem. Assim, a sua colaboração, como a do Diretor da Revista, está *limitada* à divulgação de documentos, ao editorial, à escolha do documento que ilustre a capa e à sua explicação e, tarefa difícil mas fundamental e importante: a elaboração de um índice analítico. Mas são uma equipa que sabe conjugar Fraternidade, porque acreditam na História e no Homem.

João Alves Dias

IMAGEM DA CAPA

A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei

João José Alves Dias

Quase tudo já foi dito, redito e glosado (por vezes com erros grosseiros) quando se fala e escreve sobre a reforma dos forais que Fernão de Pina coordenou e produziu seguindo as diretivas dos reis a que serviu: D. João II e D. Manuel.

Analisada a documentação que sustentava a cobrança dos direitos reais¹ em cada unidade administrativa² independente³, Fernão de Pina propunha uma redação final de tudo quanto tinha sido apurado e – após a concordância do Chanceler Rui Boto – produziam-se dois documentos⁴ que eram

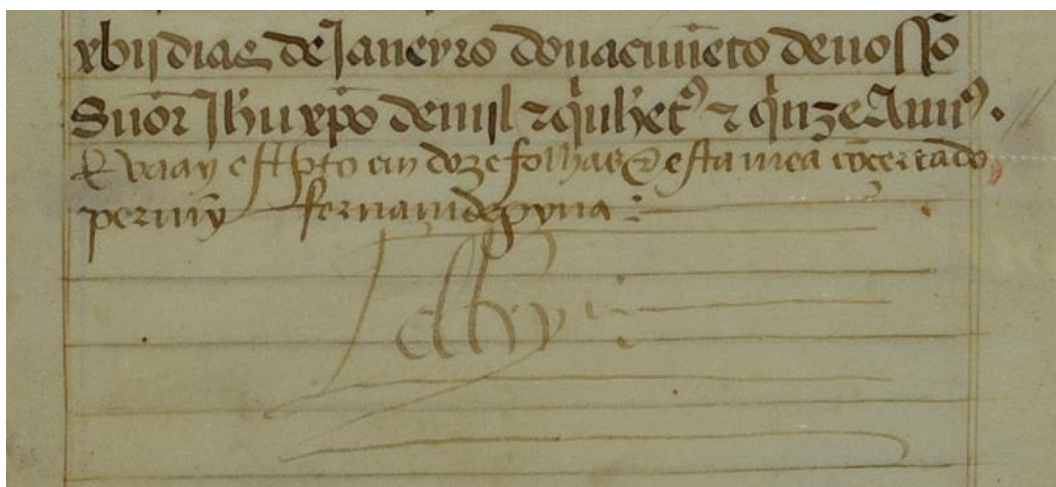
¹ A documentação tinha origem diferenciada: nuns casos, os forais dados até ao século XIV (alguns hoje desconhecidos); em outros, os foros – usos e costumes – estabelecidos e aceites pelo município (que por vezes se foram modificando e que nem sempre subsistiram); noutros, ainda, a documentação base foi produzida com a realização de inquéritos, de sentenças, de tombo e de contratos notariais produzidos entre os vizinhos de cada núcleo administrativo.

² As delimitações das unidades administrativas poderiam variar, embora em escala diminuta, e ter ou não independência territorial (separando-se, juntando-se ou autonomizando-se) em função das diferentes jurisdições: fiscais, administrativas, judiciais e até senhoriais. Os mapas não se sobrepõem conforme muitas vezes se tem dito, escrito e representado – tenha-se como exemplo a *terra* do Ribatejo no termo de Palmela (João José Alves Dias, *O Foral de Aldeia Galega de 1514*, Montijo, Câmara Municipal, 2014). Lembrem-se as variações registadas no preâmbulo (*protocolo*) da documentação aquando do endereço (*inscriptio*) na documentação (com origem diferente) enviada a uma mesma unidade administrativa.

³ Em função das diferentes Contadorias do Reino, porque era de direitos fiscais que se tratava. Por isso existirem “concelhos”, “vilas” ou outras unidades (com diferentes designações) que aparentemente não foram contemplados com forais. Luís Fernando de Carvalho Dias, no fim de cada um dos cinco volumes que publicou com o registo – ou memória – que a Torre do Tombo guardou da produção dos forais, chama a atenção para os “concelhos” existentes entre 1527-1532, que não têm o seu foral registado (o que não quer dizer que em um ou outro caso não tenha existido e que, por razões que hoje nos escapam ainda, tão somente não tivesse sido copiado no registo). Na maioria das vezes, a administração dos Direitos Reais – recorde-se mais uma vez que é disso que tratam os forais quinhentistas – dessas unidades, que aparentemente escaparam, não se colocava por terem espaços «em comum» com outra, ou outras, unidades territoriais.

⁴ Ao contrário, também, do que se tem dito e redito – e ao arrepio do que a documentação aparentemente possa induzir – não foram produzidos três forais idênticos (de um mesmo teor e aparência). Foram, sim, feitos, no máximo, três

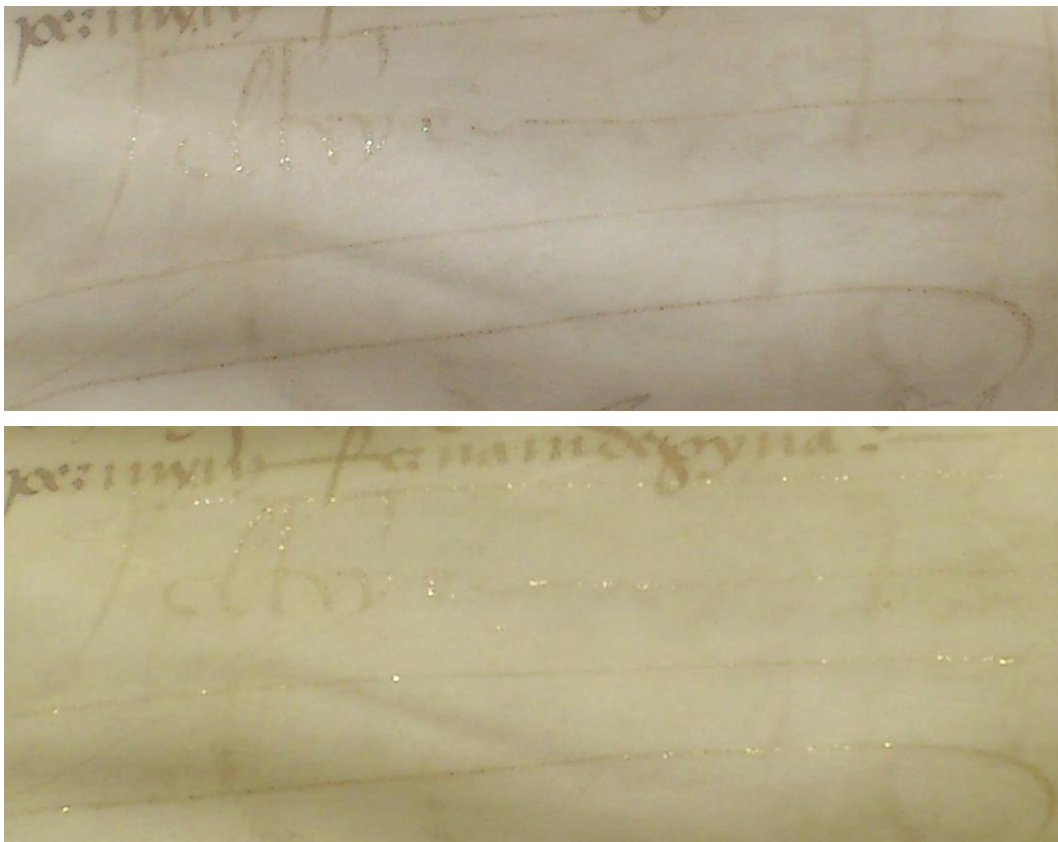
apresentados na Chancelaria Régia que os selava, validava e ao mesmo tempo fazia com que recebessem o sinal régio de autenticação⁵. Só depois desta confirmação régia é que Fernão de Pina autografava o auto de encerramento do foral. Antes esse auto ficava em aberto porque caso houvesse emendas ou acrescentos de última hora estes poderiam ser adicionados, mesmo depois da data. Se o Rei não tivesse deixado em branco um espaço suficiente para as duas ou três linhas do autógrafo de encerramento, Fernão de Pina não se coibia de o escrever no lugar certo mesmo que com isso tivesse de escrever e de assinar sobre a assinatura régia (recorde-se, entre muitos casos, o do foral assinado a 15.1.1515 para as vilas de Alcochete e Aldeia Galega).



Um dia, olhando num ângulo em que se via a luz solar rasante à assinatura régia que autenticava um foral, reparámos que a assinatura produzia reflexos desse mesmo raio, “ganhando” luz. Testado com mais uns quantos, foi com alegria que confirmámos que pelo menos os originais dos forais produzidos nos anos de catorze e quinze do século de quinhentos apresentavam todos – desde que não tivessem sido mal restaurados – os mesmos reflexos. O ouro tinha sido a substância metálica usada – na produção da tinta com que o monarca assinava – para dar à goma a fluidez e consistência necessárias.

documentos, ou melhor três versões ou formas do foral: uma, para a unidade administrativa; outra, para o senhor dos direitos reais (donatário); e uma terceira, que ficava na Coroa, como sede da administração central nos seus vários ramos (no caso presente a Fazenda e Contadoria) destinada à resolução de conflitos. Mas, no que respeita às unidades administrativas em que os direitos reais fossem exclusivamente régios só se produziam duas formas dessa documentação, uma para o «concelho» e outra para a Coroa. Mas (e existe sempre mais um mas, quer na História, quer nas *estórias*), em qualquer dos casos, a forma física do foral (aparência final e diplomática) que ficava para a Coroa não era idêntica à que era entregue à administração local e ao donatário; e, por vezes, poderia ainda haver diferenças, no que ao seu programa decorativo diz respeito, entre o foral do donatário e o da unidade administrativa. Existem, ainda, formas aparentes de forais coletivos, comuns a várias unidades administrativas, que apenas o foram na forma do donatário e coroa e que foram individualizados quando entregues ao local a que respeitavam. [Estamos, em conjunto com Pedro Pinto, a organizar um volume com toda a diplomática dos forais].

⁵ Face à doutrina exposta na nota anterior, muitas vezes, só existiu, de um mesmo foral, um exemplar completo dotado de assinatura régia.



A mesma assinatura régia com diferentes ângulos de incidência de raio solar.

A assinatura – sinal régio – que acompanha os forais originais é um autógrafo escrito pelo monarca, com uma tinta composta de ouro... A escrita apresenta-se-nos clara, como se de um fio de ouro se tratasse e, por isso, pouco se realça no pergaminho hoje amarelecido pelo consumo do tempo. Mas ao Sol o ouro ainda reluz!

Fontes

Foral de Alcochete e de Aldeia Galega do Ribatejo, 1515, Lisboa, Janeiro, 17 (Alcochete, Museu Municipal de Alcochete, Pergaminho 319).

Foral de Vouga, 1514, Lisboa, Março, 18 (Lisboa, [Coleção Particular]).

ALGUMAS ACHEGAS SOBRE O MATERIAL TIPOGRÁFICO DA OFICINA DE GERMÃO GALHARDE E DE SUA VIÚVA

(1519-1565)

Helga Jüsten

CEH – NOV

Resumo

O presente artigo pretende dar conta de uma investigação em curso sobre a oficina do impressor Germão Galharde.

Com base no seu material tipográfico usado entre 1519 a 1565, ou herdado dos seus antecessores Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini, tem sido possível, por um lado, atestar a continuidade e longevidade dos tipos, das iniciais, das tarjas e das gravuras, como, por outro, demonstrar a inovação própria do impressor francês.

A base de dados do material tipográfico da oficina de Germão Galharde, em construção, tem permitido atribuir impressos *sine notis*, de que escolhemos dois casos porventura mais representativos de novos impressos que passaram a integrar a sua produção, em seu nome e de sua viúva.

Com efeito, sublinha-se a necessidade de haver um *corpus* documental digitalizado como ferramenta auxiliar na observação presencial, na análise e na descrição das espécies.

Palavras-chave

Germão Galharde, 1519-1565, Material Tipográfico, Tipografia Portuguesa, Impressos *sine notis*, *Corpus* documental

Abstract

The present article intends to summarize an ongoing research about the printing office of Germão Galharde.

Based on his printing material used between 1519 and 1565, inherited by the predecessors Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini and Hermão de Campos, it has been possible, on one side, to prove the continuity and long life of the type, initials, borders and woodcuts, as well as to demonstrate the innovation of the french printer.

The data-base of the printing material used by Germão Galharde, being in progress, served to ascribe *sine notis* imprints, of which we choosed two representative editions that will integrate his production, printed in his own name or his widow.

The intention was, indeed, to stress the need of a digitized documentary *corpus* in order to serve as an auxiliary instrument during the observation, *in loco*, the analysis and the description of imprints.

Keywords

Germão Galharde, 1519-1565, Printing Material, Portuguese Typography, *sine notis* imprints, Documentary *corpus*

Artigo recebido em: 09.09.2014 | Artigo aceite para publicação em: 21.11.2014

No vasto universo de investigação sobre a História do Livro, em que diversas áreas de especialização se costumam cruzar, convém situar o que se pretende abordar nestas acheegas, sempre provisórias, sobre uma das oficinas tipográficas portuguesas em funcionamento entre 1519 e 1565.

A ausência de novos dados biográficos sobre o impressor Germão Galharde, francês, inviabiliza, por enquanto e à semelhança do que sucede com os seus predecessores no ofício, contributos inovadores que pudessem desenvolver informações anteriores relativas aos primeiros tipógrafos activos em Portugal⁶.

⁶ Numa perspectiva cronológica seguem algumas referências sobre os estudiosos da História do Livro e de bibliógrafos que, entre outros, se debruçaram sobre os primeiros impressores portugueses:

António Ribeiro dos Santos, “Memória sobre as Origens da Typographia em Portugal no Século XV”, in *Memórias de Litteratura Portuguesa*, Tomo VIII, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1856, 2ª ed.,.

Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica na qual se comprehende a notícia dos authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente* 4 vols., Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967, 3.ª ed.,.

Tito de Noronha, *A imprensa portuguesa durante o século XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1874.

Venâncio Deslandes, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*, edição fac-similada, introdução de Artur Anselmo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

J. J. Gomes de Brito, *Notícia de Livreiros e Impressores em Lisboa na 2ª Metade do Século XVI*, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1911.

Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Bibliotheca Nacional, 1926.

José V. de Pina Martins, “Um opúsculo de medicina desconhecido pelos bibliógrafos: *Modus curandi cum balsamo*”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 2ª série, vol. 2, nº 2, 1987, pp. 15-25.

Artur Anselmo, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.

João José Alves Dias, *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

Com efeito, e na sequência do nosso trabalho anterior⁷, optamos por seguir o percurso do impressor, desde o seu início até à década de 60 do século XVI, centrado nas obras que nos legou.

Deste modo, reunimos a área da bibliografia, com uma descrição detalhada dos impressos e das suas variantes, a tipografia, analisando o material tipográfico usado nas edições saídas de cada oficina, designando como **notícia tipobibliográfica** o resultado de cada espécie observada. O objectivo último, ou porventura o “último fim do homem”, centra-se na vontade de disponibilizar, em simultâneo, as descrições tipobibliográficas e um *corpus* documental digitalizado do material tipográfico usado, desde o início da tipografia portuguesa. Pretende-se, portanto, que o acervo em elaboração permita, numa sequência cronológica, analisar e comparar a “vida útil” dos tipos, das iniciais e restante iconografia dos impressos portugueses.⁸

Para este trabalho escolhemos alguns exemplos representativos de um fundo de investigação em curso, demonstrando curiosidades e evidenciando a utilidade de imagens digitalizadas do material tipográfico quando inseridas numa série cronológica.

Partindo, pois, do *corpus* documental publicado anteriormente, é possível atestar a herança tipográfica que os antecessores, designadamente Valentim Fernandes, mas também João Pedro de Bonhomini e Hermão de Campos, passaram para a oficina de Germão Galharde, que iniciou a sua actividade em 1519, seguramente com a edição firmada de o *Tratado d’Arismetica*, impressa em Lisboa.

⁷ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos e Post-Incunábulos Portugueses, (ca. 1488-1518)*, (*Em Redor do Material Tipográfico dos Impressos Portugueses*), Lisboa, Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2009.

⁸ Como parênteses, serve para esclarecer que sempre excluímos do nosso objecto de investigação a imprensa em hebraico pelo facto de não dominarmos a língua, o que, por si só, inviabiliza o acesso à essência, i.e., à leitura dos textos a descrever.

1. – Descobertas – ou curiosidades – do parque gráfico anterior e que passou para a oficina de Germão Galharde e de sua viúva

1.a) [*Estoria do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*], Lisboa, Valentim Fernandes, 1496

Quando analisámos, há quase uma década, os impressos de Valentim Fernandes, reparámos em dois aspectos que se gravaram na memória. O primeiro prende-se com o facto de faltarem os fólhos a_1 - a_3 ao único exemplar conhecido da edição da [*Estoria do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*], Lisboa, Valentim Fernandes, 20.4.1496, (cf. Jüsten, 16).⁹ Sublinha-se que a experiência e o contacto com o livro antigo ensinam que fólhos iniciais são arrancados com frequência, nomeadamente quando apresentam gravuras, o que poderia ter acontecido à edição em apreço. Mas, até há bem pouco tempo, a possibilidade de encontrar outro impresso que usasse a série de 20 gravuras (cf. JAD. G. 10-29)¹⁰, introduzida por Valentim Fernandes em 1496, era apenas uma hipótese sem confirmação à vista, dado que a edição sobreviveu apenas como exemplar único à guarda da BNP. No entanto, as “alegrias” do bibliógrafo, como dizia Antonio Odriozola¹¹, embora pouco frequentes, representam momentos de estímulo e partilha intelectual. Com efeito, fica registada a descoberta de mais uma gravura da série acima mencionada e que, pela figura do Imperador em majestade, representando provavelmente Vespasiano, poderia ter constado da portada da edição de 1496, impressa por Valentim Fernandes.



Cronica llamada el triunfo de los nueve preciados de la fama (...), Lisboa, Germão Galharde, 1530,

4º Libro, folio lvi, recto [cópia digital do exemplar da BNP, Res. 3736 V; purl.pt. 14549]

Portanto, passados 34 anos, a gravura do Vespasiano em falta surge, então, na edição da *Cronica llamada el triunfo de los nueve preciados de la fama (...)*, impressa em Lisboa, por Germão Galharde em 26.6.1530. Com medidas [66 x 98 mm] idênticas às restantes gravuras da série inicial, a recém-descoberta junta-se, nesta Crónica e como se pode ver pelas imagens seguintes, às “irmãs” que, por herança, passaram a integrar, com o fim da actividade firmada pelos impressores Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini e Hermão de Campos, o fundo iconográfico da oficina de Germão Galharde e de sua viúva.



JAD, G. 20 »

Cronica llamada el triunfo de los nueve preciados de la fama (...), Lisboa, Germão Galharde, 1530,

⁹ Helga Maria Jüsten, *Incunábulo (...)*, pp. 183-186, 488-491.

¹⁰ João José Alves Dias, *No Quinto Centenário*, [pp. 110-116] e confrontar também Artur Anselmo, *História da Edição em Portugal. I. Das Origens até 1536*, Porto, Lello & Irmão, 1991, p. 169.

¹¹ Antonio Odriozola Pietas, “Alegrias y tristezas de la investigación sobre impresiones españolas de los siglos XV e XVI”, Separata de *Homenaje a Pedro Sainz Rodríguez*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1986, pp. 67-91.



JAD, G. 18 »

Cronica llamada el triumpho de los nueve preciados de la fama (...), Lisboa, Germão Galharde, 1530,

6º Libro, folio cxlviii, recto [cópia digital do exemplar da BNP, Res. 3736 V; purl.pt. 14549]

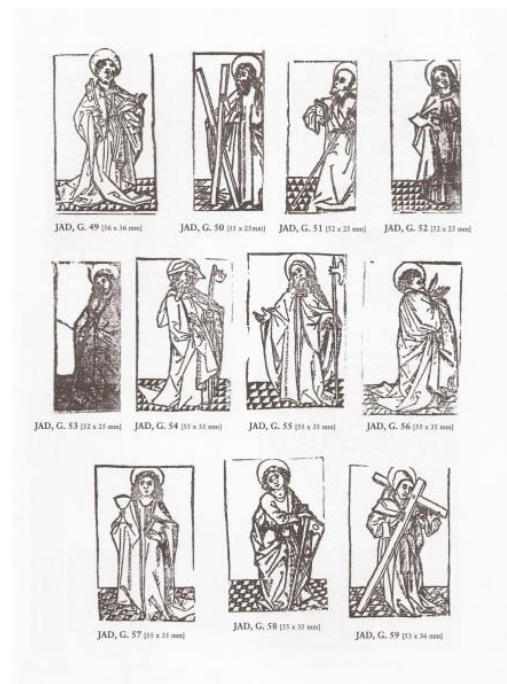
1.b) *O compromisso da confraria de Misericordia*, Lisboa, [Valentim Fernandes e Hermão de Campos], 20.12.1516

O segundo caso, motivo de uma perplexidade quase inexplicável durante muito tempo, prende-se com o facto de a edição de *O compromisso da confraria de Misericordia*, Lisboa, Valentim Fernandes e Hermão de Campos, 1516, (Jüsten, 35)¹² apresentar, no fl. 4r, as gravuras JAD, G.49 - G.59, i.e., as imagens de apenas 11 apóstolos. Na identificação dos apóstolos, e pelos símbolos normalmente atribuídos¹³, faltava a figura do apóstolo S. Filipe, segurando o báculo com a cruz e, na outra mão, um livro.

A ausência da 12ª imagem representando S. Filipe, numa edição de Valentim Fernandes e Hermão de Campos, de 1516, não era fácil de explicar, a não ser por qualquer incidente durante o processo de impressão. Aliás, contra a vontade dos investigadores que gostariam de ter um acesso documentado e pormenorizado ao universo da composição e impressão, acontecimentos estranhos continuam a esconder-se nesse “vasto mundo” do

funcionamento das primeiras oficinas tipográficas em Portugal.

Por isso, cabe-nos a grata tarefa de comunicar que a gravura do 12º apóstolo, ou seja, o apóstolo S. Filipe, afinal existia.



[cf. João José Alves Dias, *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa,

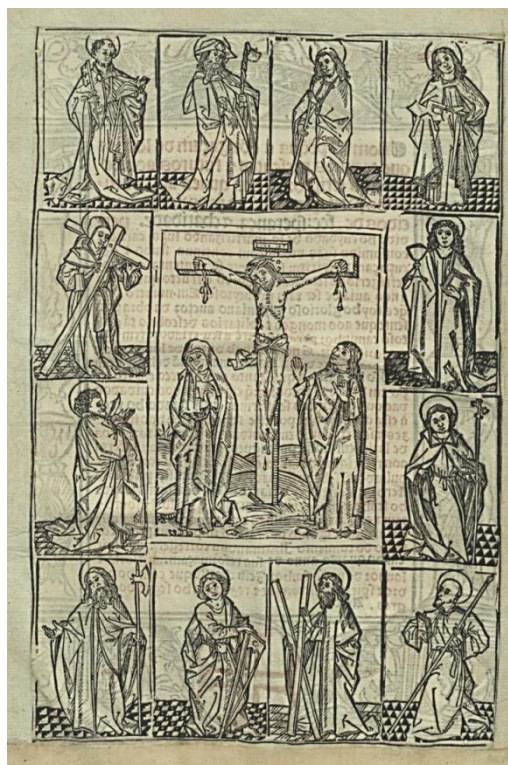
Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995, (p. 123-124)]

Com efeito, a gravura de S. Filipe surge, pela primeira vez, na edição da obra de Lourenço Iustianiano, [*Ho liuro da regra e perfeiçam da conversaçam dos monges*], Coimbra, Germão Galharde, 28.4.1531, aproximando-se das medidas [55 x 38 mm] quando comparadas com os restantes blocos de madeira, em boas condições de conservação, i.e.: JAD, G.49,54-59. Para além da dimensão do bloco de madeira, o desenho do chão da recém-descoberta gravura de S. Filipe é comparável à gravura JAD, G. 52. Neste impresso de Germão Galharde da obra de Lourenço Iustianiano, [*Ho liuro da regra e perfeiçam da conversaçam dos monges*], realizado em Coimbra, aos 28.4.1531, os 12 apóstolos enquadram-se, na perfeição, à volta

¹² Helga Maria Jüsten, *Incunábulas (...)* pp. 255-259, 494 e João José Alves Dias, *No Quinto Centenário*, [pp. 123-124].

¹³ Otto Wimmer, *Kennzeichen und Attribute der Heiligen*, Innsbruck-Wien, Tyrolia-Verlag, 1983, pp. 13-14 e Klementine Lipfert, *Symbol-Fibel*, Kassel, Johannes Stauda-Verlag, 1956, p. 84.

de uma gravura do Calvário (cf. HMJ, G. 77)¹⁴, proveniente da oficina de João Pedro de Bonhomini e usada na impressão de *Este he o liuro e legenda dos santos martires*, Lisboa, João Pedro de Bonhomini, 17.8.1513.

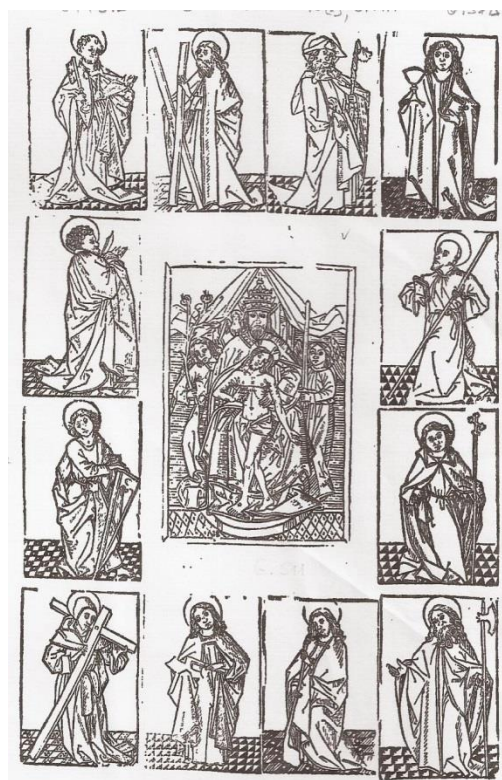


Loureno Iustiniano, [*Ho liuro da regra e perfeiçam da conversaçam dos monges*],

Coimbra, Germão Galharde, 28.4.1531, fl. 1v;

[BNP, Res. 166 A, purl.pt 16678]

Posteriormente, o mesmo conjunto de 12 apóstolos aparece ainda, embora com uma disposição diferente, na edição dos *Statutos e Constituicoes [sic] dos virtuosos e reuerendos padres Conegos azuys*, Lisboa, Germão Galharde, 25.8.1540.



Statutos e Constituicoes [sic] dos virtuosos e reuerendos padres Conegos azuys,

Lisboa, Germão Galharde, 25.8.1540,

fl. 4v; [BNP, Res. 106 A]

2. – O acervo gráfico – ou uma base de dados de imagens digitalizadas – uma ferramenta para a identificação de impressos *sine notis*

Um percurso por diversas obras de referência na descrição bibliográfica das espécies, sempre concentrado na tipografia portuguesa, e tanto no que se refere a coleções públicas como privadas, reflecte a preocupação em transmitir pormenores de cada exemplar, quando observado presencialmente. Assim, a metodologia adoptada por parte de bibliógrafos experientes, dedicados e pacientes, tem por objectivo identificar e individualizar o respectivo impresso – ou distingui-lo – quando comparado, ou comparável, com outras espécies em bibliotecas distantes.

Não restam dúvidas de que o apuramento na descrição gráfica dos impressos evoluiu com o

¹⁴ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, pp. 274-277, 501.

próprio aperfeiçoamento da análise bibliográfica, designadamente na segunda metade do século XX e numa área de investigação dedicada à tipobibliografia¹⁵.

Contudo, e apesar do esforço na descrição do material tipográfico das espécies observadas, o resultado da representação “visual” do respectivo impresso surge sempre de forma subjectiva, quer pela qualidade da formulação quer pelos pormenores seleccionados. Com efeito, a hipótese de transmissão objectiva do conjunto da memória visual acumulada ao longo da vida, por diferentes bibliógrafos, é, afinal, uma miragem se comparada com a riqueza que se perdeu, definitivamente, nos “túmulos dos bibliógrafos”, com prejuízos enormes para a investigação, se atentarmos na acumulação de saberes e na memória individual de pormenores que não se transmitiu aos vindouros.

Embora com as devidas cautelas relativamente à consulta digital dos impressos, disponibilizados electronicamente, é forçoso reconhecer que a consulta de imagens – em tempo real – contribuiu significativamente para uma investigação mais documentada do livro antigo. Sem substituir, de todo, a consulta presencial dos exemplares, uma base digital de impressos permite, contudo, voltar a ver e aferir pormenores que, numa primeira consulta ao vivo, escaparam à atenção do investigador, por motivos vários de carácter subjectivo da consulta.

Dito isto, e tendo em atenção o primeiro estudo em que procurámos transmitir um *corpus* documental restrito à primeira ocorrência do material tipográfico, sem atender à sua evolução

ao longo da sua vida útil na mesma oficina, entendemos que, nesta segunda fase de investigação, seria necessário documentar o conjunto do acervo gráfico que, ao longo do presente trabalho sobre a oficina de Germão Galharde, se nos gravou na memória visual. Trata-se, porventura, de um imperativo ético na transmissão, às futuras gerações de investigadores, de um manancial de imagens que, objectivamente e sem imodéstia, leva anos a construir de forma fidedigna e inteligível.

Apesar de a metodologia da análise bibliográfica definir regras para a observação das espécies, sucede que ela não anula a margem de subjectividade na descrição dos impressos, aconselhando-se o confronto com a realidade objectiva da imagem representada e, de preferência, digitalizada. Daí a necessidade de uma base de dados de acervos gráficos, promovendo a partilha continuada da memória individual, a fim de apoiar tanto a investigação presente como transmiti-la a futuras gerações de investigadores.

Com efeito, uma base de dados do acervo gráfico da tipografia portuguesa, acessível electronicamente, além de permitir o confronto na consulta de exemplares espalhados por bibliotecas diversas – nacionais, estrangeiras, públicas ou privadas – representa uma ferramenta elementar na identificação de impressos *sine notis*.

Como a riqueza da memória visual, atendendo à sua extensão, não exclui a subjectividade no momento em que se observa um novo exemplar, e sem as imagens de espécies anteriormente observadas em presença, sujeitamo-nos ao crivo da nossa capacidade individual – e subjectiva – ao pretender identificar todos os pormenores da espécie em apreço. Convenhamos que não é matéria infalível.

Mais difícil se torna no caso de impressos *sine notis*, em que é necessário o recurso a imagens do material de diversas oficinas tipográficas, em funcionamento numa determinada data, para uma determinação, sempre provisória, do local, do editor e da data de impressão.

¹⁵ Para os impressos no espaço ibérico salientamos as obras de:

João José Alves Dias, “Nova Forma da Transmissão do «Verbo» - A Imprensa”, in *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, coord. de João José Alves Dias, vol. V da *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 489-504 e *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

Julián Martín Abad, *Post-Incunables Ibéricos*, Madrid, Olleros & Ramos, 2001.

John Frederick Norton, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.



Seleccionamos dois casos para documentar o que se acabou de afirmar.

2.a) *A muyto deuota oraçam da Empardeada*¹⁶ [OE]

Formato: 16º

Colaço: a-b⁸, 16 fl. [32 p.]; Errata na assinatura e_{ij} [= a₃]

Proposta de identificação para o impresso sine notis:

[Lisboa, Germão Galharde, entre 1537 e 1540]

Repertório:

ES – Badajoz, Biblioteca de Extremadura, Biblioteca da Barcarrota†

[exemplar adquirido, em 1995, após a descoberta, em 1992, durante a reabilitação de um imóvel em Barcarrota]

A referência bibliográfica abreviada, colocada à cabeça, serve para a desenvolver, de seguida, explicitando as várias etapas que nos levaram a formular a proposta de identificação da OE [sigla para: *A muyto deuota oraçam da Empardeada*]. Da notícia sobre a descoberta da OE tivemos conhecimento em finais da década de 90 do século passado, ficando o registo na memória sem haver, na altura, disponibilidade e investigação suficiente para observar o

impresso. Apenas recentemente, e como tem sucedido com outros apoios recebidos ao longo da nossa investigação graças a partilhas científicas fraternas, deslocámo-nos à Biblioteca de Extremadura, em Badajoz, iniciando, com base na edição fac-similada da OE, o percurso de identificação do impresso.

Relativamente ao conteúdo do impresso convém esclarecer que a obra intitulada *A muyto deuota oraçam da Empardeada. Em lingoagem portugues*, em diante identificada com a sigla OE, é constituída por quatro partes e se inicia com o aparecimento de Jesu Cristo a uma mulher empardeada, “a qual fazia muyto santa vida e cobiçaua muyto saber quantas foram as chagas que nosso senhor Iesu christo recebeo em seu corpo...”. Segue-se a oração propriamente dita e que contém, pela diversidade de benesses “outorgadas” àqueles que a rezem ou “fezer rezar. se nam souber ler: ou a trazer consigo rezando estes .xv. pater noses [sic] ...”, matéria contrária à doutrina da Igreja, o que explica o registo da OE no primeiro Rol, i.e., *Este he o rol dos liuros defesos*, impresso por Germão Galharde em Lisboa no ano de 1551.

Na terceira parte surge “hum milagre [que] aconteceu logo como esta oraçam foy reuelada” a um “jrmítam” que estava naquela montanha, onde se encontrava a “sancta empardeada”. O impresso termina com “as indulgencias e perdões [do] sancto padre nicolao papa .v.”.

Portanto, a estrutura do texto segue “Ha muy sancta e deuota oraçam da empardeada”, inserida nas *Horas de nossa Senhora segundo costume Romaano*¹⁷, com algumas variações na ortografia e pequenas alterações na parte das indulgências, coincidindo a divisão do texto, quase na totalidade, com os parágrafos assinalados por iniciais de alfabeto lombardo de 2 linhas, tanto num como noutro impresso.

¹⁶ Bibliografia sumária da notícia sobre o impresso:

La muy devota Oración de la Emparedada, ed., trad, y notas de Juan Manuel Carrasco González; estudio preliminar de María Cruz García de Enterría, «Una devoción prohibida: la Oración de la Emparedada», Badajoz, Junta de Extremadura (La Biblioteca de Barcarrota, 2), 1997; {58 p.}.

Juan M. Carrasco González, “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, in *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXVIII, Cáceres, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, Año 2005, pp. 21-34.

Arthur Askins, «Notes on Three Prayers in Late 15th Century Portuguese (the *Oração da Empardeada*, the *Oração de S. Leão*, *Papa* and the *Justo Juiz*): Text History and Inquisitorial Interdictions», in *Península, Revista de Estudos Iberoicos*, 4, 2007, pp. 235-266, consultado em 2012 na página: [http://ler.letras.up/uploads/ficheiros/4206.pdf].

¹⁷ cf. João José Alves Dias, *Rezar em Português. Introdução ao Livro de Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano ...*, vol. II, Lisboa, BNP, 2009, pp. 222-239 e Francisco Leite de Faria, “O Primeiro Livro em Português Impresso na França: As Horas de Nossa Senhora por Frei João Claro”, in *Colóquio sobre o Livro Antigo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, pp. 93-112.

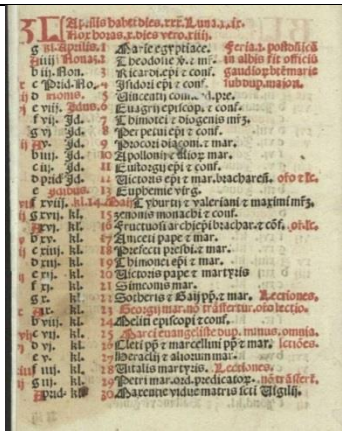
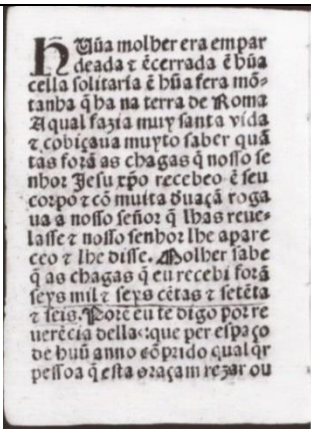
Com efeito, não se confirmam as conclusões de Carrasco González¹⁸ quando diz que nas “Horas de Nossa Senhora falta la parte «c», es decir, el episodio del ermitaño” e, no confronto das duas orações, concluir que “non son en todo coincidentes, lo que prueba un origen diferente para cada una y, en cierta medida, apoya nuestra idea de que ésta última fue traducida del español”.

No que diz respeito ao material tipográfico usado na impressão da OE, voltamos a insistir na utilidade de dispor, para cada oficina tipográfica, de um corpus documental – em forma de base de dados – como ferramenta de trabalho. Para o caso em apreço não havia, em finais dos anos 90 do século passado e da nossa parte, investigação suficiente sobre o material tipográfico da oficina de Germão Galharde, com imagens digitalizadas, que permitisse situar cronológica global da sua produção, um recém-descoberto impresso *sine notis* como foi o caso da OE. Recordei-me, na altura, de uma máxima

de Julián M. Abad, que reza mais ou menos assim: “a pressa é o maior inimigo do bibliógrafo”. A precipitação circunscreve a base documental a um universo restrito que, frequentemente, se revela impreciso quando comparado com as possibilidades de atribuição de um impresso *sine notis* e que, pela natureza dedutiva, se considera sempre provisória.

Com efeito, a oficina tipográfica de Germão Galharde, activa entre 1519 e 1565 em seu nome e da sua viúva, reunia o material tipográfico que se observa na impressão da OE, a saber, os tipos, as iniciais, o friso de tarjas e, ainda, gravuras com desenho semelhante à imagem da portada da OE.

Para os tipos usados na impressão do folheto da OE, da família gótica rotunda, 83/85 G, encontram-se caixas semelhantes a partir de 1537, nomeadamente na edição do *Calendarium Romanum*, como se pode observar pelo confronto das imagens seguintes, facto que levou à atribuição de uma data *a quo* próxima de 1537.

<i>Calendarium Romanum</i> , 1537 ¹⁹	OE [ca. 1537 a 1540]
 fl. 3v [BNP, Res. 1759 V, (inc.), purl.pt 23151]	 fl. 1v [Biblioteca de Extremadura, Biblioteca da Barcarrota, Badajoz]

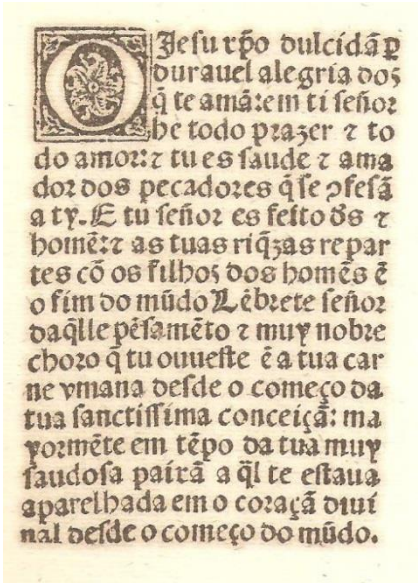
¹⁸ Juan M. Carrasco González, “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, p. 32.

¹⁹ A data do impresso foi estabelecida com base no exemplar, completo, da Biblioteca do Vaticano, BAV, Stamp, Barb, C.III, 46, fl. 66v, ass. g₁₀, recto.

Quando olhámos, pela primeira vez, para o fac-símile do impresso, sucede que identificámos, de imediato, uma inicial xilográfica que nos era conhecida, ou seja, a letra O, ocupando quatro linhas na OE. De uma série de impressos em que a inicial xilográfica x⁴ – O [18 x 18 mm] foi usada na oficina de Germão Galharde, escolhemos algumas ocorrências anteriores como posteriores a fim de documentar a sua presença, não ocasional mas contínua, e com especial incidência na década de 30 do século

XVI no universo das edições firmadas pelo impressor francês.

O facto de o duplo traço da moldura, do lado direito, da inicial da OE apresentar falhas, quando comparado com a mesma inicial impressa em 1538, poderá induzir-nos numa fase posterior de impressão para a OE como justificar uma execução deficiente nos prelos, circunstância que, aliás, se denota no conjunto do material tipográfico da *Oraçam*.

Inicial xilográfica, x ⁴ – O [18 x 18 mm]		
OE, [ca. 1537 - 1540]	Impressos da Oficina de Germão Galharde	
 fl. 4v	 <i>Breue doutrina</i>, 1525 fl. VIII, v [invertida]	 <i>Breuiarium Stª Cruz</i>, 1531 fl. 366v
	 <i>Calendarium Romanum</i>, 1537 fl. 48v [invertida]	 <i>Missale Bracharense</i>, 1538 fl. 39v [invertida]

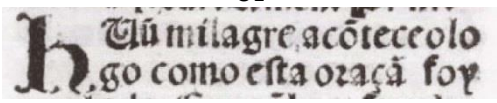
A presença, na edição da OE, de iniciais de alfabetos lombardos, com dois tamanhos e, sobretudo, com dois desenhos diferentes, H₁ e H₂, levou-nos a procurar, no conjunto da produção de Germão Galharde, os impressos com letras de tamanho idêntico, numa data aproximada e presumida da *Oraçam*, que apresentassem um traço idêntico para as iniciais do alfabeto lombardo.

Assim, as letras H₁ e H₂ ocupam duas linhas de

texto nas três obras referidas abaixo. Se assumirmos que, nos três impressos em que a letra H₁ aparece, a pressão nos prelos foi idêntica, poder-se-á concluir que a *Oraçam* foi impressa depois do CR, 1537 e antes da PA, 1540, dado que a haste vertical superior vai perdendo nitidez. Para a letra H₂ já não se verifica a mesma degradação da haste vertical superior entre o ano de 1537 e 1540, ficando por esclarecer o seu desgaste na impressão da OE. Como hipótese, pergunta-se se terá sido

usado um outro bloco com a letra H₂, eventualmente de refugo do material tipográfico da Oficina de Germão Galharde, em

que a haste já se encontrava partida e o bloco impróprio para o uso nos impressos autenticados?

Iniciais de alfabeto lombardo I ² – H	
<i>Calendarium Romanum</i> (CR), 1537, R. Mendes, <i>Practica dArismetica</i> , (PA), 1540	
H ₁	H ₂
OE  H₁ fl. 1v	OE  H₂ fl. 13r e 16r
CR, 1537  H₁ fl. 17, v	CR, 1537  H₂ fl. 50, v
PA, 1540  H₁ fol. 96r	PA, 1540  H₂ fol. 95v

Relativamente à tarja presente na portada da OE, ao lado da gravura, ela é constituída por dez pequenos blocos de madeira de folhas estilizadas. Ao confrontar o seu uso individual e observar a colocação diferente dos blocos tanto na edição de R. Mendes, *Practica dArismetica*, (PA), 1540, como no impresso *Breue Memorial* (BM), 1545, podemos concluir que existiam peças soltas que permitiam uma composição variada.

Aliás, se observarmos bem a fileira dos blocos

individuais, em número de 10, tanto na OE como no *[Missale Bracharense]* (MB), 1538, reparamos que a sua ordenação não é a mesma, embora muito semelhante.

A presença destes pequenos blocos de folhas estilizadas atesta-se, portanto, nas obras firmadas e saídas da Oficina de Germão Galharde desde o ano de 1538 até, pelo menos, ao ano de 1545 de acordo com o estado actual da nossa investigação, como demonstram as reproduções seguintes.



Tarjas

[*Missale Bracharense*], (MB), 1538, ex.: BNP, Res. 1633, purl.pt. 14877; R. Mendes, *Practica d'Arismetica*, (PA), 1540, ex.: BNP, Res. 278 V, purl.pt. 15193; *Breue Memorial*, (BM), 1545, ex.: BNP, Res. 92 P, purl.pt. 16741

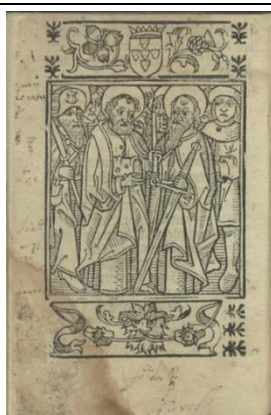
OE



portada
[78x5 mm]



MB, 1538; fol. 85v



BM, 1545; fl. 16v



PA, 1540, fol. xiiij, v

Relativamente à gravura impressa na portada da OE não encontrámos, na Oficina de Germão Galharde, qualquer registo, anterior ou posterior, no conjunto da produção localizada até ao momento.

Contudo, e para uma avaliação mais documentada, aconselha a prudência recuar ao material tipográfico que Germão Galharde herdou dos seus antecessores, a saber, de Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini e Hermão de Campos. Sucede que, para além dos tipos, iniciais e tarjas, as gravuras anteriores vão surgindo na produção de Germão Galharde como demonstram as imagens no anexo.

Com efeito, quando Carrasco González afirma que “[f]inalmente, también el grabado de la portada se corresponde muy bien con las características un poco toscas y arcaizantes de los primeros artistas portugueses usados por este editor”²⁰, remetendo para o impresso de *Modus curandi cum balsamo* e a respectiva introdução de J. V. de Pina Martins²¹, o autor do

²⁰ Juan M. Carrasco González, “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, p. 27.

²¹ J.V.de Pina Martins, “Um opúsculo de medicina desconhecido pelos bibliógrafos editado em Lisboa por Germão Galharde: *Modus curandi cum balsamo*, Lisboa, c. 1530”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 2, Jul.-Dez. de 1987, pp. 15-25.

estudo circunscreve, demasiado, o seu ângulo de visão e limita o campo de investigação.

No que se refere à iconografia dos impressos portugueses, desde a sua origem até mesmo a primeira metade do século XVI, parece-nos que o adjectivo genérico “tosco”, relativamente à execução das gravuras, adianta pouco sobre uma variedade de criação xilográfica que, até ao ano de 1518, registava 268 blocos de madeira diferentes²². Neste universo iconográfico coexistem traços de diversos artífices e artistas, anónimos na sua totalidade e com qualidades artísticas distintas, o que, por si só, requer uma investigação aprofundada e não realizada até ao momento.

Assim, e pelas gravuras introduzidas por Germão Galharde na sua produção entre 1519 e 1565, escolhemos aquelas que pudessem esclarecer, tanto pela sua representação como pelo traço de execução, algumas semelhanças pertinentes para a análise da gravura impressa na portada da OE.

Na Imagem 1 do Anexo reproduzimos a gravura da portada do *Modus curandi cum balsamo*, ca. 1530, pela coincidência na representação de um altar, embora, como julgamos, com uma execução por um artífice distinto, atendendo ao diferente tratamento da perspectiva tridimensional quando comparada com a gravura da OE (Imagem 3). Considerando que uma defeituosa perspectiva tridimensional poderá revelar algo sobre um artífice menos habilitado, juntamos, na Imagem 2, uma

gravura impressa na obra *Incipit Angeli custodis*, de 1544, saída dos prelos de Germão Galharde. Aos defeitos na noção da dimensão tridimensional associamos o tracejado, fino e curto, no preenchimento dos espaços em branco, característica que aproxima a iconografia do *Incipit Angeli custodis* da gravura da OE.

Por outro lado, e para documentar o que se afirmou acima sobre a proveniência anterior da iconografia de Germão Galharde, reproduzimos na Imagem 4 uma gravura proveniente da obra *Flos sanctorum*, impressa por Hermão de Campos em 1513, que poderá ter servido como modelo, tanto para a representação do altar como pela figura feminina ajoelhada.²³

Concluimos a reprodução das imagens com um exemplo de um impresso de Germão Galharde, de 1545, Imagem 5, colocando, ao lado, o bloco de madeira herdado de Hermão de Campos, usado na citada obra de 1513.²⁴

Com efeito, e considerando a iconografia da produção de Germão Galharde no seu conjunto, parece-nos que a gravura impressa na portada da OE se aproxima mais da execução, artesanal pela defeituosa noção tridimensional, do bloco de madeira do “anjo” saído dos seus prelos, porventura, em 1544, o que aproximava a datação dos dois impressos e indiciaava, eventualmente, a existência do mesmo artífice, na Oficina de Germão Galharde, num período compreendido entre os finais da década de trinta e inícios de quarenta do século XVI.

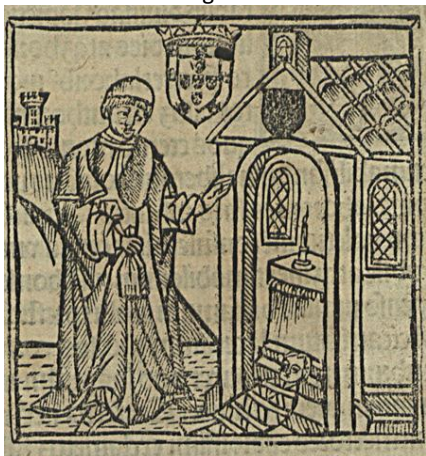
²² Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, pp. 478-520.

²³ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 509.

²⁴ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 507.

Gravuras

Imagem 1



Modus curandi cum balsamo, [ca. 1530], portada
[BNP, Res. 5561 P, purl.pt 14824]

Imagem 2



Incipit Angeli custodis, [1544], fl. 1v;
[BNP, Res. 82(2) A, purl.pt 22943]

Imagem 3



OE, portada
[67 x 46 mm]

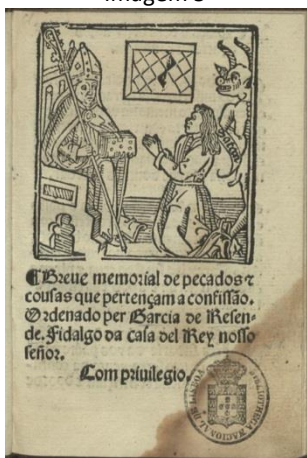
Imagem 4



[cf. com a gravura
« *Ho flos sanctorum*, Hermão de Campos
HMJ, G. 174]²⁵

²⁵ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 509.

Imagem 5



Breue Memorial (BM), 1545, portada,
[BNP, Res. 92 P, purl.pt 16741]

Imagem 6



« [gravura, *Ho flos sanctorum*, Hermão de
Campos, 1513;
HMJ, G. 144 [76 x 70 mm]²⁶

Imagem 7



BPE, Inc. 3

Juntamos esta última gravura apenas para demonstrar que existem semelhanças entre os blocos de madeira usados, neste caso, pelos Cromberger, de Sevilha, e as Oficinas portuguesas referidas, sem, no entanto, haver identidade na execução.

²⁶ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 507.

Partindo, pois, do pressuposto de que as atribuições de qualquer impresso *sine notis* serão, sempre, provisórias, consideramos, contudo, que a pesquisa documentada do material tipográfico poderá circunscrever a execução, neste caso da *Oração da Empardeada* (OE), com recurso aos tipos, às iniciais e tarjas existentes na Oficina de Germão Galharde.

O facto de o impressor não assumir a paternidade da edição levanta, no entanto, uma série de interrogações, atendendo, nomeadamente, à época em que a OE foi, presumidamente, impressa, i.e., [entre 1537 e 1540]. A edição da OE, que ora conhecemos através do exemplar da Biblioteca de Extremadura, corresponderá àquela a que se referia João de Barros, na sua *Grammatica da Língua Portuguesa*, editada em Lisboa por Luís Rodrigues no ano de 1540, quando, no fólio, hiiij, recto dizia: “... nam sábem rezár huma óraçam per ella, e pela tiráda sam mais correntes que hum cego na óraçam da emparedáda.”?

Na segunda metade da década de 30 do século XVI circulava uma profusão de pequenos folhetos, numa estimativa provisória de cerca de 30, com material tipográfico da Oficina de Germão Galharde, uns, como o *Auto das regateyras*, identificado com uma tarja e inscrição de GERMAGALHA, outros, como o *Auto de Sancto Antonio*, impresso de forma clandestina, mas usando uma gravura da mesma oficina que tinha surgido, anteriormente, na edição de *Instituta ordinis beati Francisci*, Lisboa, Germam Galharte [sic], 1530.

Ocorre-nos como hipótese para o aumento de impressos clandestinos, na referida época, o agravamento das questões de ortodoxia religiosa, que conduziu, a partir de 1547, aos *Róis de Livros Proibidos*, o primeiro manuscrito e, em 1551, com o título *Este he o rol dos liuros defesos*, impresso por Germão Galharde.

A duvidosa ortodoxia religiosa da OE obrigaria, com efeito, a cuidados redobrados, embora o reduzido custo na impressão e um provável êxito de venda acenassem com o lucro fácil de um folheto de inegável popularidade como demonstram as palavras de João de Barros.

Por outro lado, a objectiva falta de apuro tipográfico dos folhetos clandestinos, e designadamente da OE, fez-nos lembrar uma observação pertinente de Eleutério Cerdeira, a propósito de outra contrafacção, quando chama a atenção para “a provável intranquilidade em que terá sido realizado este trabalho clandestino”.²⁷

2.b) Glosa famosissima

Formato: 4º

Colaço: A²⁰, 20 fl. {40 p.}

Proposta de identificação para o impresso *sine notis*:

[Lisboa, Germão Galharde, ca. 1541]

Repertório:

P - *BPMP, Y1-3-37 (3)+

jto com: *Castigos e enxemplos de Catom*, Lisboa, Germão Galharde, 1521; BPMP, Y1-3-37 (1);

Despertador de peccadores, Burgos, 1541; BPMP, Y1-3-37 (2):

Glosa famosa sobre las coplas de Don Jorge Manrique, Valladolid, Sebastian Martinez, 1564; BPMP, Y1-3-37 (4)

Sobre a edição refere-se que o licenciado Alonso de Cervantes procedeu, entre finais de 1500 e inícios de 1501 à elaboração das suas glosas, designadas como “famosissimas”, baseando-se na obra maior de Jorge Manrique (1440? – 1479), i.e., as suas *Coplas* que “hizo sobre la muerte de su padre”.

As *Coplas* de Jorge Manrique eram, de facto, “famosas”, conhecidas e apreciadas em Portugal, designadamente pelo Rei D. João II que, conforme nos diz Garcia de Resende, na sua *Crónica de D. João II*, lhe “perguntou se sabia as trovas de dom Jorge Manrique, que começão *Recuerde el alma dormida*” (...).²⁸

²⁷ Eleutério Cerdeira, *Duas Grandes Fraudes Camonianas*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1946, p. 57.

²⁸ Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991, Cap. CCI, p. 269.

De acordo com a referência no prólogo, a *Glosa famosissima* surge durante o desterro de Alonso de Cervantes “por espacio de tiempo de quatro anos (...) neste para mi tam estraño reyno de Portugal”, suplicando “muy humilmente esta obra (...) dirigida al muy ilustre (...) Señor don Aluaro de stuñiga”.²⁹

Do controlo bibliográfico efectuado sublinhamos que António Pérez y Gomez chama a atenção para esta edição *sine notis* da *Glosa famosissima* pelo facto de reproduzir a portada e, deste modo, fornecer alguns elementos do material tipográfico.³⁰

Anteriormente, Sousa Viterbo n’“A Litteratura Hespanhola em Portugal”³¹ fez menção do exemplar da BPMP, remetendo para a espécie com o número 757 no *Catálogo de la Biblioteca de Salvá*.³² Contudo, a informação relativa ao número 758 parece mais próxima da presente edição pelo facto de destacar que “ademas de la notable contraseña de llevar la presente edición el título *Glosa famosissima* en la **parte inferior** [sublinhado nosso] de la portada” e que Salvá situa “hácia el 1525” no que respeita à data da sua impressão.

Após o esclarecimento sobre a cota correcta do exemplar da BPMP, i.e. Y1-3-37 (3), foi possível iniciar, com base numa cópia integral e completada com uma observação presencial posterior, a análise com vista a uma atribuição provisória da edição à oficina de Germão Galharde.

A presente edição *sine notis* da *Glosa famosissima*, de Alonso de Cervantes, surgiu, pois, na sequência de uma primeira edição, em Portugal, impressa em Lisboa no ano de 1501

por Valentim Fernandes. Posteriormente, em 1559, publicou a Viúva de Germão Galharde uma outra edição, de glosador distinto, que se intitula *Glosa sobre la obra que hizo don George manrique, a la muerte do maestro de Sanctjago*. No entanto, apenas a primeira edição portuguesa, de 1501, e a presente *sine notis* apresentam a mesma sequência no texto das coplas e glosas, motivo pelo qual se julga ter o impresso anterior servido como base para uma nova edição. É de referir, também, que uma edição da *Glosa*, atribuída por Norton, 796³³ e ABAD, *Post-Incunables*, 985³⁴ ao impressor sevilhano Jacobo Cromberger, com uma data próxima de ca. 1508-1510, segue a mesma sequência de texto das duas edições portuguesas acima referidas, conforme a cópia digital do exemplar da BNE, R-4133.

Relativamente à atribuição provisória do impresso *sine notis* à oficina de Germão Galharde, apresentamos, abaixo, as imagens do material tipográfico. Com efeito, os alfabetos usados na impressão da presente edição faziam parte do material da oficina de Germão Galharde, havendo, para o tipo usado na impressão das coplas e glosas, uma primeira ocorrência na edição do *Calendarium Romanum*, com data de 1537, embora se registre a introdução de variantes para os tipos A, D e P.

A única inicial presente no fl. 1v do impresso da *Glosa*, representando a letra P e ocupando 8 linhas, encontra-se, em 1541, na edição do *Cerimonial da missa*, saída dos prelos da oficina de Germão Galharde em Lisboa, embora se encontre uma inicial D, da mesma série de iniciais xilográficas, na edição da *Ordem do juyzo*, Lisboa, Germão Galharde, 1539.

²⁹ Confrontar, igualmente, o estudo de Mário da Costa Roque, *Glosa Famosissima sobre las Coplas de Dñ Jorge Marrique*, Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1963, pp. 16-18.

³⁰ António Pérez y Gomez, *Glosas a las Coplas de Jorgue Manrique*: *Noticias Bibliográficas*, Cieza, 1963, nº 13, lámina 13.

³¹ Sousa Viterbo, *A Litteratura Hespanhola em Portugal*, in *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, pp. 239-241.

³² *Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, Tomo I, Valencia, Imprenta de Ferrer de Orga, 1872, pp. 268-269; [consultado através da página archiv.org. – 08.2014].

³³ John Frederick Norton, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

³⁴ Julián Martín Abad, *Post-Incunables Ibéricos*, Madrid, Olleros & Ramos, 2001.



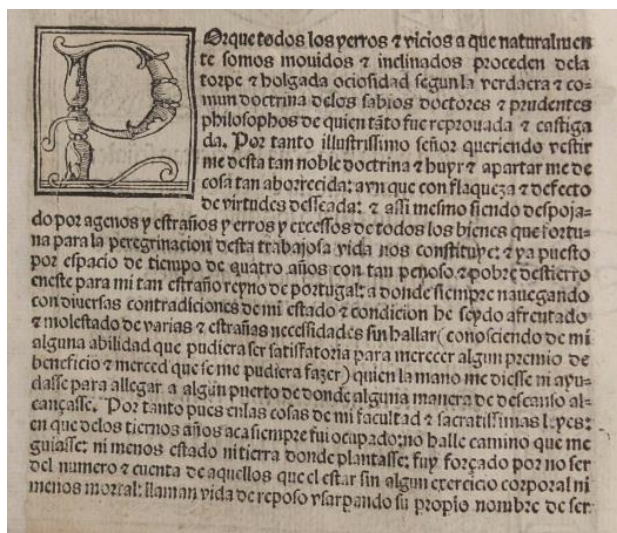
Título/Incipit: *Glosa famosissima*
 Lugar de Impressão: [Lisboa, Germão Galharde ?]
 Ano: [1537 (Tipos) – 1541? (Inicial)]



Portada, [BPMP, Y1-3-37(3)]



Portada, Lisboa, Valentim Fernandes,
 1501³⁵



fl. 1v, tipo de texto e inicial; P⁸ [35 x 34 mm]



(P⁸) [35 x 35 mm]
Cerimonial da missa,
 1541
 [BPE, Res. 76]

³⁵ cf. Reprodução fac-similada, in *Glosa famosissima sobre las coplas de dō Jorge Marrique*, com um estudo de Mário da Costa Roque, Lisboa, Inspecção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1963, assim como Helga Maria Jüsten, *Incunábulos* (...), pp. 204-208, 529.

No entanto, e para desfazer dúvidas sobre uma eventual hipótese de o impresso *sine notis* poder ter saído da oficina de Luís Rodrigues, contemporânea na cidade de Lisboa desde

1539, juntamos as iniciais usadas pelo referido impressor que demonstram semelhanças entre os desenhos das letras, sem, contudo, conferir identidade.

Iniciais semelhantes, mas não idênticas



Vida de S. Bernardo, Lisboa, Luís Rodrigues,
1544
[BNP, Res. 161 A]



Vida de S. Bernardo, Lisboa, Luís Rodrigues,
1544
[BNP, Res. 161 A]

Foram, todavia, as tarjas na portada que chamaram a nossa atenção quando olhámos para as reproduções constantes da citada obra de A. Pérez y Gomez, já que eram, em parte, nossas conhecidas de edições saídas dos prelos de Germão Galharde, pelo menos desde o ano de 1523. Como se pode verificar pelas reproduções anexas, apenas uma das tarjas, *Glosa*, T.4, da parte inferior da portada, não foi possível, até ao momento, associar a um

impresso firmado por Germão Galharde. As tarjas com folhas estilizadas, *Glosa*, T. 6 e T.7, surgiram na oficina de Germão Galharde, em 1538, na impressão do *Missale Bracharense*, o que nos indicia uma data próxima para a impressão da *Glosa famosissima*. No entanto, preferimos uma datação de [ca. 1541], baseando-nos na primeira ocorrência da inicial P⁸, referida acima.

Tarjas				
 HMJ[II], T. 125, <i>Glosa</i>, Tarja 1 [122x15 mm; cf. <i>Commentum in Plinij</i>, 1529; <i>Modus</i>, ca. 1530]	 HMJ[II], <i>Glosa</i>, Tarja 2 [140 x 7 mm] [cf. <i>Portada</i>, <i>Ordenações</i>, 1533, Livro 3º, TRBC, LA 002 C; <i>Tractado Canto mensurable</i>, 1535]	 HMJ[II], T. 108, <i>Glosa</i>, Tarja 3 [84x18 mm; cf. <i>Manipulus</i>, 1523]	 HMJ[II], <i>Glosa</i>, Tarja 4 [12 x 105 mm]	 HMJ[II], <i>Glosa</i>, Tarja 5 [16 x 148] [cf. <i>Portada</i>, <i>Ordenações</i>, 1533, Livros 1º e 3º, TRBC, LA 002 C]
 HMJ[II], <i>Glosa</i>, Tarja 6 [cf. <i>Missale Bracharense</i>, 1538]		 HMJ[II], <i>Glosa</i>, Tarja 7 [cf. <i>Missale Bracharense</i>, 1538]		

Das três gravuras presentes na portada conseguimos identificar, até ao momento, apenas a gravura, *Glosa*, G.3, num impresso, igualmente *sine notis*, mas com recurso ao mesmo alfabeto de texto como na *Glosa*

famosissima, que se intitula *Glosa nueuamente hecha por Pedro Daguiar* (...), e pode ser consultado através da cópia digital da BNP, Res. 218-9-V, purl.pt 6963.

Gravuras		
		
portada HMJ[II], <i>Glosa</i>, G.1 [com falha na reprodução] [56 x 41 mm]	portada HMJ[II], <i>Glosa</i>, G.2 [52 x 18 mm]	portada HMJ[II], <i>Glosa</i>, G.3 [48 x 21 mm] [cf. gravura na portada de: <i>Glosa nueuamente hecha por Pedro Daguiar</i>, s.l., s.e., s.d; BNP, Res. 218-9V, purl.pt 6963]

Com efeito, consideramos que a análise do material tipográfico usado na impressão da presente *Glosa famosissima* permite uma atribuição provisória à oficina de Germão Galharde, numa data próxima de [ca. 1541], atendendo aos tipos, às iniciais e um número considerável de tarjas usados em impressos firmados pelo impressor francês.

3. – O acervo gráfico como ferramenta na identificação de fragmentos e variantes, assim como para documentar o desgaste do Material Tipográfico

3.a) A Identificação de Fragmentos

Durante a observação presencial das espécies sucede, com alguma frequência, que as pastas das encadernações escondem fragmentos de outras edições, nem sempre fáceis de identificar por diversos motivos, para além da presença de folhas impressas em documentação manuscrita.

O caso porventura mais significativo foi a presença de fragmentos contidos na pasta de encadernação do *Breue Memorial*, impresso por Germão Galharde em Lisboa no ano de 1521, que detectámos, em 2006, no exemplar da BNP,

Res. 91 P. Na altura, e com base no *corpus* documental anteriormente elaborado³⁶, reparámos nos tipos e numa inicial que eram semelhantes ao material tipográfico das oficinas anteriores de Valentim Fernandes e de João Pedro de Bonhomini. A partilha da descoberta permitiu a João José Alves Dias³⁷ desenvolver o estudo dos fragmentos e, assim, esclarecer e estabelecer uma nova sistematização na edição das *Ordenações Manuelinas* impressas por Valentim Fernandes e João Pedro de Bonhomini.



Contudo, o caso em apreço serve para sublinhar a importância de um acervo gráfico digitalizado como apoio à memória visual do material tipográfico, designadamente para fundamentar, numa fase inicial de investigação, uma possível atribuição de fragmentos. Semelhante ferramenta ainda se revela de maior utilidade quando as espécies em análise pertencem a acervos diferentes, circunstância em que não é

possível colocá-las lado ao lado numa observação presencial.

3.b) A Identificação de variantes

Com efeito, a dispersão de exemplares por bibliotecas diferentes leva, frequentemente, a uma identificação imprecisa de edições, nomeadamente quando a memória visual nos atraiça na detecção de pormenores que, afinal, correspondem a diferentes estados na impressão das espécies.

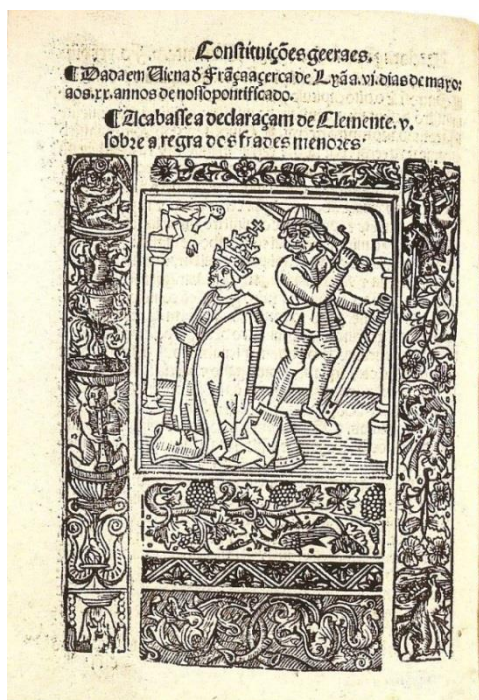
Não sendo caso único no conjunto da produção de Germão Galharde, pretendemos destacar, neste momento, apenas o caso do impresso *Instituta ordinis beati Francisci*, saído em Lisboa a 9.9.1530.

Na observação presencial de um dos exemplares existentes no país, a saber, o do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, verificámos a notória presença, na oficina de Germão Galharde, do material tipográfico dos predecessores. No entanto, apenas o confronto, inicialmente com base em cópias, permitiu corrigir a memória visual que identificou, e bem, uma tarja conhecida da oficina de Valentim Fernandes. No entanto, a posição da referida tarja, JAD, T. 36,³⁸ é diferente quando comparamos o exemplar da SCML, cota L.A., XVI, 58² com o da Biblioteca de D. Manuel II, em Vila Viçosa, como demonstram as seguintes imagens.

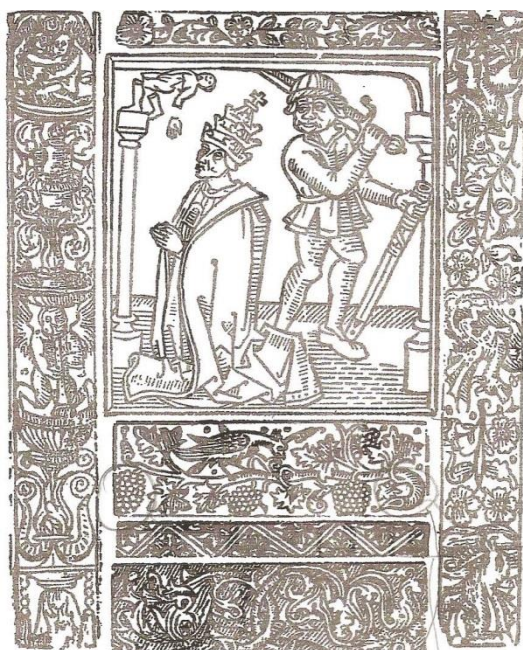
³⁶ Posteriormente publicado: Helga Maria Jüsten, *Incunábulos e Post-Incunábulos Portugueses, (ca. 1488-1518), (Em Redor do Material Tipográfico dos Impressos Portugueses)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009.

³⁷ João José Alves Dias, *Ordenações Manuelinas 500 anos depois: Os dois primeiros sistemas (1512-1519)*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2012.

³⁸ Cf. Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 466 e João José Alves Dias, *No Quinto Centenário*, p. 106.



[SCML, cota LA. XVI, 58²], fl. 35v



BDMII, PDVV, fl. 35v,
Livros Antigos Portugueses (...) ³⁹, p. 440
Inversão da Tarja T. 36 = Variante

A identificação desta variante, seguida de uma investigação mais aprofundada da edição da *Instituta ordinis beati Francisci*, permitiu, ainda, localizar um exemplar nos EUA, bem como confrontar as duas espécies pertencentes a acervos nacionais com o outro exemplar existente em França, aguardando-se a publicação dos resultados da análise efectuada.⁴⁰

3.c) Documentar o desgaste do material tipográfico

³⁹ MANUEL II, (D.), *Livros antigos portugueses: 1489-1600 da biblioteca de Sua Magestade Fidelissima*, 3 vols., Braga, Oficinas da APPACDM, 1995.

⁴⁰ Helga Maria Jüsten, "Um Impresso do Século XVI no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: *Instituta ordinis beati Francisci*, Lisboa, German Galharde, 9.9.1530", in *Cidade Solidária*, nº (...), Lisboa, SCML, 2014, em publicação.

A observação do conjunto da produção de Germão Galharde entre 1519 e 1565, e desde 1559 em nome da viúva, com base nos exemplares até ao momento localizados, permite, certamente, avaliar não apenas o desgaste normal do material tipográfico como a introdução de novas caixas de tipos – ou pequenas alterações nas preexistentes – como de novas iniciais e molduras de tarjas e gravuras.

Por um lado, o registo documental cronológico com base em imagens digitalizadas dos impressos, pese embora o enorme dispêndio de tempo na construção dessa base de dados, proporciona uma visão de conjunto da oficina de Germão Galharde e a consequente formulação de hipóteses sobre o seu funcionamento. Por outro, o acervo digital fornece dados que levam a interrogações sobre a validade de determinadas informações sobre os impressos, colhidas com base em cólofons, ou seja, de edições – aparentemente – firmadas. Surgem, frequentemente, dúvidas quando



observamos o desgaste do material tipográfico – numa perspectiva diacrónica – e a data constante de uma edição firmada. Por ora, fixemo-nos apenas nos casos em que o desgaste do material tipográfico, presente nas portadas de determinados impressos, sugere uma data diferente da impressa no cólofon. Convém lembrar a esse propósito que o primeiro caderno era sempre o último a ser impresso, para além de casos em que determinados exemplares, que chegaram até nós, se constituíram com recurso a cadernos de tiragens diferentes. Portanto, a substituição parcial de cadernos não inviabilizava a manutenção da data inicial da impressão constante do cólofon.

Seguindo a metodologia exemplificada, por João José Alves Dias, num Colóquio, realizado em Maio de 2011 na Fundação Calouste Gulbenkian,

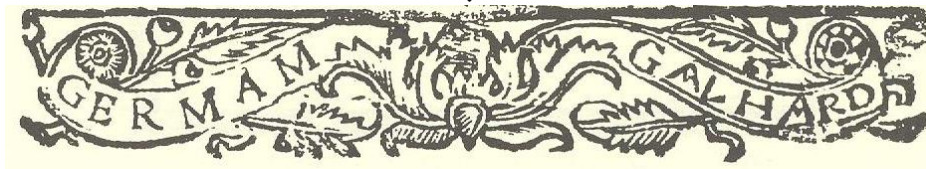
dedicados à “Iconografia do Livro Impresso (Marcas Tipográficas e Filigranas de Papel)”, reintroduzimos, com base no nosso acervo digitalizado, os casos então apresentados. Documenta-se, assim, a evolução de uma tarja com a inscrição de GERMAM GALHARD que, a partir de 1523, começa a surgir nos impressos saídos da sua oficina. Não se trata, por enquanto, de uma recolha exaustiva, nem de apresentar conclusões definitivas sobre a datação de determinados impressos, aparentemente firmadas. Por ora, ficam apenas as interrogações, sublinhando-se a necessidade de comprovar qualquer afirmação com base numa consulta do maior número possível dos diversos exemplares existentes, a fim de excluir “ruídos” indevidos e provenientes de cópias eventualmente imperfeitas.



Contra os Juyzos, 7.3.1523 [19x114 mm]; fac-símile do ex. da BGUC, R-14-10



desgaste no *Liber scholastica*, 1532 [João José Alves Dias, post. a 1534]; ex. da BNP, Res. 4645 P, purl.pt 15298



Oratio, 1.10.1534; ex. da BPE, Séc. XVI, Res. 6108



Tractado de canto llano, 1533; fac-símile do ex. da BL [João José Alves Dias, post. a 1535]



Tractado de canto mensurable, 4.9.1535; ex. da BPE, Res. 402-A



F. Oliveira, *Grammatica*, 27.1.1536; ex. da BNP, Res. 274 V, purl.pt 120

4. – O “Fecho da Abóbada”

Não pode haver, como julgamos, melhor exemplo da longevidade do material tipográfico da oficina de Germão Galharde do que o último impresso, em nome da sua viúva, localizado até ao momento, ou seja, a edição de *Nao sam Paulo*, saída dos seus prelos, em Lisboa, a 8.4.1565.

A portada da referida edição, para além de atestar o uso continuado dos tipos da família gótica rotunda, fecha a “abóbada” por recuperar, ainda, uma gravura do conjunto da série com que começamos as nossas acheegas. A gravura JAD, G. 11, proveniente da oficina de Valentim Fernandes e da edição da *Estória do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*, começou a sua vida útil em 1496 e aqui fica para testemunhar a longevidade do material tipográfico dos primeiros impressores portugueses.





Fontes e Bibliografia

1. Fontes Impressas

(ordenadas cronologicamente)

[*Estoria do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*]. Lisboa, Valentin Fernandes, 20.4.1496;

P – BNP, Inc. 571; purl.pt 22002.

O compromisso da confraria de Misericórdia, Lisboa, Valentym Fernandez e Hermam de campos, 20.12.1516;

P – SCML, LA XVI, 114.

Breue memorial dos pecados e cousas que pertencem ha confissam (...), Lisboa, Germão Gaillarde, 25.2.1521;

P – BNP, Res. 91 P; purl.pt 109.

Beja, Frei António de, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa, Germam Galharde, 7.3.1523;

P – BGUC, R-14-10.

Beja, Frei António de, *Breue doutrina e ensinança de principes* (...), Lisboa, Germam Galharde, 15.7.1525;

E – BNE, R-12331†

Edição fac-similada: Frei António de Beja, *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes*, Reprodução fac-similada da edição de 1525, Introdução de Mário Tavares Dias, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965.

¶ *Incipit officium angeli custodis* (...), Lisboa, Germanum Galharde, Die sexto Decembri, 1529;

P – BNP, Res. 82 (2) P, purl.pt 22943.

Cronica llamada el triunpho de / los nueue preciados de la fama: (...), Lisboa, German Galharde, 26.6.1530;

P – BNP, Res. 3736 V, purl.pt 14549.

Instituta ordinis beati Francisci, Lisboa, Germam Galharte, 9.9.1530;

P – SCMLx, L.A, XVI, 58², (incompleto);

P – Palácio Ducal, Vila Viçosa, BDMII, 67 (incompleto), Variante.

Modus curandi cum balsamo (...), [Lisboa, Germão Galharde, ca. 1530];

P – BNP, Res. 5561 P, purl.pt 14824.

Edição fac-similada, *Modus curandi cum Balsamo*, prefácio de José V. de Pina Martins, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.

Breuiarium secundum vsum insignis monasterij sancte crucis colimbriensis ordinis diui augustini, Coimbra, Germanum galhardum, 8.4.1531 [sexto Idus Aprilis];

P – BGUC, R-3-16; [cópia digital em: almamater.uc.pt].

Lourenço Justiniano, Santo, [*Regra e perfeição da conversação dos monges*], *Incipit ¶ Nom he pequena a obrigaçam de louuor*, Coimbra, Germão Galharde, 28.4.1531;

P – BNP, Res. 166 A, purl.pt 16678.

Liber de scholastica disciplina (...), Lisboa, Germão Galharde, 1532 [?];

P – BPE, Res. 309;

P – BPE, Res. 411 (incompleto)

P – BNP, Res. 4645//2P, (incompleto); purl.pt 15298.

Aranda, Matheo de, *Tractado de canto llano nuevamente compuesto por Matheo de aranda maestro en musica*. (...), Lisboa, Germão Galharde, 26.9.1533 [?];

P – BPE, Res. 402, (junto com *Tratado de canto mensurable*)

Edição fac-similada: José Augusto de Alegria, Mateus de Aranda, *Tractado de câto llano (1533)*, ed. fac-similada com Introdução e Notas do Cônego Dr. José Augusto Alegria, Rei Musicae Portugaliae Monumenta II, Lisboa. Instituto de Alta Cultura, 1962.

Resende, L. André de, *Oratio pro rostris pronunciata, in Olisiponensi academia, calend. Octobrib.*, Lisboa, Germani Galliardi Galli [Germão Galharde], Mense Octobri. 1534;

P – BPE, Séc. XVI, 6108; cópia integral digitalizada e disponível através da página:

- Biblioteca Digital do Alentejo
[www.bdalentejo.net]: ID 330;
- Fac-símile reproduzindo UK - BL, C.62b.38:
- Artur Moreira de Sá, *Oração de Sapiência*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.
- Aranda, Matheo de, *Tractado de canto mensurable: y contrapuncto* (...), Lisboa, Germão Galharde, 4.9.1535;
- P - BPE, Res. 402-A;
- Edição fac-similada: *Tractado de Canto Mensurable*, intro. e Notas do Cônego José Augusto Alegria, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1978.
- Oliveira, Fernão de, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa, Germão Galharde, 27.1.1536;
- P - BNP, Res. 274 V; purl.pt 120,
- Edição fac-similada: Fernão de Oliveira, *Grammatica da lingoagem portuguesa* Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.
- CALENDARIUM ROMANUM. IN quo plurimi festi dies sanctorum secundum consuetudinem Olisiponensis Ecclesie*, Lisboa, Germão Galharde, 1537;
- Cidade do Vaticano, BAV, MAG, call number Stamp.Barb.C.III.46 [com as folhas em falta no exemplar da BNP Res. 1759 P];
- P - BNP, Res. 1759 P (incompleto), purl.pt 23151.
- Missale iuxta antiquam almae bracharensis ecclesiae consuetudinem*, Lisboa, Germanum galhart, 16.7.1538 [17 Kalendas Augusti];
- P - BNP, Res. 1633 A (incompleto); purl.pt 14877.
- Mendes, Rui, *Pratica darismetica nouamente agora composta pelo licenciado ruy mendez* (...), Lisboa, Germão Galharde, 16.3.1540;
- P - BNP, Res. 278 V, purl.pt 15193.
- Statutos e constituições [sic] dos virtuosos e rreuerendos padres Conegos azuys*, Lisboa, Germão Galharde, 25.8.1540;
- P - BNP, Res. 106 A.
- A muyto deuota oraçam da Empardeada. Em lingoagem portugues*, [Lisboa, Germão Galharde?, entre 1537 e 1540];
- ES - Badajoz, Biblioteca de Extremadura, Biblioteca da Barcarrota.
- Ortiz de Vilhegas, Diego, *Cerimonial da missa rezada segundo costume Romão: e se guarda na capella del rey de portugal dom loham terceyro deste nome* (...), Lisboa, Germão Galharde, 2.9.1541;
- P - BPE, Res. 76.
- Servantes [sic], Alonso de, *Glosa famosissim*, [Lisboa, Germão Galharde, ca. 1541]
- P - BPMP, Y1-3-37(3).
- Libro da vida e milagres do glorioso e bemauenturado são Bernardo*, Lisboa, Luís Rodrigues, 8.8.1544;
- P - BNP, Res. 161 A, purl.pt 14551.
- Resende, Garcia de, *Breue memorial dos pecados e cousas que pertençam a confissão*. (...), Lisboa, Germão Galharde, 15.3.1545;
- P - BNP, Res. 92 P, purl.pt 16741.
- Viagem & naufragio da Nao sam Paulo* (...), [Lisboa], Viúva de Germão Galhard, 8.4.1565;
- UK - National Maritime Museum, Greenwich, Londres, No. C4583,
- Class. 656.61.085.3 Sam Paulo.094DIA.

2. Bibliografia

- ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das Bibliografias Portuguesas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1923.
- ANSELMO, Artur, *História da Edição em Portugal. I. Das Origens até 1536*, Porto, Lello & Irmão, 1991.
- Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- “Relações Tipográficas entre a França e Portugal: A Edição das *Coplas de Mingo Revulgo* impressa por Germain Gaillard em

- Lisboa”, Separata de *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France – Actes du Colloque, Paris, 11-16 Octobre, 1982*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983.
- ASKINS, Arthur, “Notes on Three Prayers in Late 15th Century Portuguese (the *Oração da Emparadeada*, the *Oração de S. Leão*, *Papa* and the *Justo Juiz*): Text History and Inquisitorial Interdictions”, in *Península, Revista de Estudos Ibericos*, 4, 2007, pp. 235-266, consultado em 2012 na página: [http://ler.letras.up/uploads/ficheiros/4206.pdf].
- BRITO, J. J. Gomes, *Notícia de Livreiros e Impressores em Lisboa na Segunda Metade do Século XVI*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1911.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M., “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «*La Oración de la Emparedada*»”, in *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXVIII, Cáceres, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, 2005.
- CARVALHO, Joaquim de, “O Livro «Contra os Juizos dos Astrólogos» de Fr. António de Beja”, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XVI, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1944, pp. 180-290.
- Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, Tomo I, Valencia, Imprenta de Ferrer de Orga, 1872 [consultado através da página: archiv.org. – 08.2014].
- CERDEIRA, Eleutério, *Duas Grandes Fraudes Camonianas*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1946.
- DESLANDES, Venâncio, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*, edição fac-similada, introdução de Artur Anselmo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- DIAS, João José Alves, “Nova Forma da Transmissão do «Verbo» – A Imprensa”, in *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, coord. de João José Alves Dias, vol. V da *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1998.
- “Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal”, in *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- Ordenações Manuelinas. 500 Anos depois: Os dois primeiros sistemas (1512-1519)*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- Rezar em Português. Introdução ao Livro de Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano ...*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.
- FARIA, Francisco Leite de, “O Primeiro Livro em Português Impresso na França: As Horas de Nossa Senhora por Frei João Claro”, in *Colóquio sobre o Livro Antigo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, pp. 93-112.
- JÜSTEN, Helga Maria, *Incunábulo e Post-Incunábulo Portugueses, (ca. 1488-1518), (Em Redor do Material Tipográfico dos Impressos Portugueses)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- LIPFFERT, Klementine, *Symbol-Fibel. Eine Hilfe zum Betrachten und Deuten mittelalterlicher Bildwerke*, Kassel, Johannes Stauda-Verlag, 1956.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica na qual se comprehende a notícia dos authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, 3.^a ed., 4 vols., Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967.
- MANUEL II, (D.), *Livros antigos portugueses: 1489-1600 da biblioteca de Sua Magestade Fidelíssima*, 3 vols., Braga, Oficinas da APPACDM, 1995.
- MARTIN ABAD, Julián, *Post-Incunables Ibéricos*, Madrid, Ollero & Ramos, Editores, 2001.
- MARTINS, José V. de Pina, “Um opúsculo de medicina desconhecido pelos bibliógrafos: *Modus curandi cum balsamo*”, in *Revista da*



- Biblioteca Nacional*, Lisboa, 2ª série, vol. 2, nº 2, 1987, pp. 15-25.
- La muy devota Oración de la Emparedada, ed., trad, y notas de Juan Manuel Carrasco González; estudio preliminar de María Cruz García de Enterría, «Una devoción prohibida: la Oración de la Emparedada», Badajoz, Junta de Extremadura (La Biblioteca de Barcarotta, 2) 1997; {58 p.}.
- NORONHA, Tito de, *A imprensa portuguesa durante o século XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1874.
- NORTON, Frederick John, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.
- ODRIOZOLA PIETAS, António, “Alegrías y tristezas de la investigación sobre impresiones españolas de los siglos XV y XVI”, Separata de *Homenaje a Pedro Sáinz Rodríguez. Tomo 1: Repertorios, textos y comentarios.*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1986, pp. 67-91.
- PEREZ Y GOMEZ, Antonio, *Glosas de las Coplas de Jorge Manrique. Noticias bibliográficas*, Cieza, s.n., 1963.
- RESENDE, Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991.
- ROQUE, Mário da Costa, *Glosa Famosíssima sobre las Coplas de Dõ Jorge Manrique*, Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1963.
- SANTOS, António Ribeiro dos, “Memória sobre as Origens da Typographia em Portugal no Século XV”, in *Memórias de Litteratura Portuguesa*, Tomo VIII, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1856, 2ª ed..
- VITERBO, Sousa, “A Litteratura Hespanhola em Portugal”, in *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.
- O movimento tipográfico em Portugal no século XVI*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.
- WIMMER, Otto, *Kennzeichen und Attribute der Heiligen*, Innsbruck-Wien, Tyrolia-Verlag, 1983.





CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA